



Povos indígenas podem explicar como ser feliz sem dinheiro

Sociedades à margem do mundo globalizado estão mais satisfeitas com a vida; especialistas explicam ligação entre riqueza e bem-estar

DANIEL MEDIANILLA
Da 13.ª fila

Em 2012, os britânicos Adrian e Gillian Bayford ganharam 190 milhões de euros na loteria Euromilhões. Meses depois, estavam divorciados e nos anos seguintes acabaram casados com pessoas que os enganaram, endividando-se brigados com suas famílias. Em 1988, o americano William Post ganhou US\$ 16,2 milhões na loteria. Um ano depois, seu irmão pagou a um assassino de aluguel para matá-lo e herdar sua fortuna. Post sobreviveu, mas encerrou sua vida com mais de US\$ 1 milhão em dívidas.

As histórias de ganhadores de loteria que acabam arruinados são abundantes. Estudos sugerem que os ganhadores de loterias geralmente se saem melhor após a vitória, e o percentual de falências entre eles é calculado em menos de 6%. No entanto, as histórias são repetidas, demonstrando a necessidade de acreditar que o dinheiro não traz felicidade. Muitos estudos científicos, no entanto, afirmam o contrário.

Em um estudo recente sobre o tema, Matthew Killgworth, da Universidade da Pensilvânia, e Daniel Kahneman, de Princeton, testa-

ram seus próprios resultados sobre a relação entre dinheiro e bem-estar emocional.

Em um estudo de 2010, Kahneman observava que o bem-estar, pelo menos entre os americanos, aumenta com a renda até atingir US\$ 75 mil por ano. Depois disso, o efeito desaparece. Killgworth, com seu aplicativo Track Your Happiness (Rastreie Sua Felicidade), que faz perguntas aos usuários sobre como se sentem em momentos aleatórios do dia, concluiu em 2021 que o dinheiro continua aumentando a felicidade muito além dos US\$ 75 mil.

No estudo conjunto, projetado para resolver essas discrepâncias, os pesquisadores observaram que ambos estavam certos: para 80% das pessoas, ganhar mais dinheiro continua trazendo benefícios emocionais, mas existe um grupo de 20% para o qual ganhar mais de US\$ 100 mil por ano não faz diferença.

BUSCA POR DINHEIRO

O dinheiro, por si só, não traz felicidade, mas permite realizar coisas que fazem as pessoas se sentirem melhor. Uma das formas de alcançar isso, tanto para ricos quanto para pobres, é gastar dinheiro com outras pessoas. Obviamente, os ricos podem fazer

isso em maior escala. Outro fator relacionado ao bem-estar subjetivo são boas relações sociais, e parece que é mais fácil tê-las com um status socioeconômico elevado.

Em geral, embora as pessoas que ganham mais dinheiro possam, em algumas ocasiões, ter jornadas de trabalho muito longas, geralmente têm mais controle sobre a organização do tempo do que as pessoas que ganham menos e muitas vezes também trabalham muitas horas.

No entanto, com algo tão abstrato quanto a felicidade, não é razoável pensar que sua busca pode ser reduzida a tentar ganhar mais dinheiro. O economista Richard Easterlin afirma que, uma vez que as necessidades básicas são atendidas, o aumento de renda não necessariamente aumenta o bem-estar. Segundo seus dados, o tempo dedicado à família ou à saúde tem um impacto mais duradouro do que o dinheiro, que perde seu efeito como uma droga à qual se habitua.

—As pessoas dedicam uma quantidade desproporcional de tempo a objetivos pecuniários—afirma.

Isso ocorre, segundo ele, porque elas acreditam que suas aspirações serão as mesmas no futuro e não percebem que, com o aumento dos ganhos, suas aspirações também aumentarão.

Além disso, as pessoas não aprendem porque, quando questionadas sobre como se sentiam no passado, avaliam suas emoções com base nas aspirações materiais presentes e não nas mais modestas que tinham anos atrás.

—Como resultado, a maioria das pessoas dedica uma quantidade desproporcional de suas vidas a ganhar dinheiro e sacrifica a família ou a saúde, áreas em que as aspirações são bastante constantes quando as circunstâncias mudam—conclui Easterlin.

OUTRAS SOCIEDADES

Recentemente, a revista PNAS (publicação oficial da Academia Nacional de Ciências dos EUA) publicou um estudo que mediu a satisfação de vida de pessoas que vivem em sociedades à margem do mundo globalizado, muitas delas indígenas com recursos econômicos muito limitados, variando de 500 a 1 mil euros por capita, em comparação aos mais de 40 mil euros na Espanha ou os 65 mil euros na Austrália.

Apesar dessa aparente pobreza, entre os mapuches de Lonquimay, uma região montanhosa no sul do Chile, o nível de satisfação relatado é de 8,1 em 10. Na região de Amambay, no Paraguai, os guaranis alcançam 8,2, os collas do altiplano norte da Argentina atingem 8, os tibetanos de Shangri-La ficam com 7,9, e os ribeirinhos da Amazônia brasileira marcam 8,4. Pela mesma medida, a satisfação relatada pela União Europeia em 2021 era de 6,72 e a Austrália, o país mais feliz, 8.

Eric Galbraith, professor da Universidade Autônoma de Barcelona e autor principal do estudo, acredita que os resultados podem estar relacionados à competição: —As pessoas estão sempre se comparando umas com as outras, e nós, que vivemos em sociedades monetizadas, temos o dinheiro como uma forma óbvia de nos compararmos com os outros e podemos nos sentir satisfeitos se tivermos dinheiro suficiente ou mais do que as pessoas com as quais nos comparamos.

Esse fator de comparação foi observado em outras análises, que mostram como em sociedades mais desiguais, as vantagens de ganhar muito dinheiro e os problemas de ter pouco são mais extremos. Isso faz com que, onde há menos equidade, a ligação entre renda e felicidade seja ainda mais forte.

Em algumas das sociedades com as melhores posições na percepção de felicidade, existe um forte senso de comunidade, um vínculo estreito com a natureza e uma espiritualidade pro-

Só quero amor. Graças indígenas tornam em Brasília: senso de comunidade, vínculo com a natureza e espiritualidade podem estar por trás da felicidade

funda que pode explicar parte de seu bem-estar que vai além do dinheiro.

—Talvez, com um esforço social direcionado, possamos aprender a recuperar esses aspectos em nossas sociedades e sejamos capazes de aumentar o bem-estar subjetivo além do que o crescimento econômico nos permitiria—diz Galbraith.

Marino Pérez, da Academia de Psicologia da Espanha, é cético sobre a utilidade de medir a felicidade para orientar políticas públicas e alcançar cidadãos mais satisfeitos com suas vidas.

—A felicidade não significa nada, depende de cada pessoa e momento e da sociedade à qual pertence—garante. —A felicidade tinha a ver com uma vida virtuosa, preocupada com o bem comum e não com esse sentido individualista e subjetivista, típico dos países desenvolvidos—completa.

Em sua opinião, o bem-estar das sociedades tradicionais estudadas por Galbraith pode estar ligado ao fato de “essas pessoas não estarem preocupadas com a felicidade, mas ocupadas com as tarefas da vida”.

Easterlin observou que, embora a felicidade individual esteja consistentemente associada ao aumento de renda, ao analisar o nível de felicidade de um país, ela não cresce com a economia. Alguns dados podem apoiar essa contradição: apesar do crescimento econômico nas últimas décadas, a saúde mental da população mais jovem está cada vez pior.

Pérez sugere que, por um lado, “o capitalismo consumista se baseia na insatisfação das pessoas com o que têm e no desejo de coisas que não têm”. Em segundo lugar, ele acredita que “a preocupação com a felicidade é uma das causas do problema de saúde mental das sociedades ocidentais e das novas gerações”.

—Buscar a felicidade é uma tarefa doentia. A felicidade é algo mais retrospectivo que prospectivo—acrescenta.